

Os sintagmas nominais possessivos em mossetén e tsimané e a tipologia linguística

Paulo Chagas de Souza

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0600-8401>

ABSTRACT: Mosetén and Chimane (Tsimané'), are very close language varieties spoken in Bolivia. According to Sakel (2004), they constitute a family of languages of which they are the only representatives, or else they constitute a continuum of varieties. The present paper deals with possessive noun phrases in these two languages, particularly the linking or subordinating element which marks this possessive relation. Following the terminology in Tesnière (1966), I name this element a translativ. What is especially interesting in this construction is the fact that the translativ which marks possession is an inflecting element. This paper is part of a broader research about this construction in languages from all continents with strong areal diffusion among Indo-Aryan languages, partial diffusion among Iranian languages, as well as in the greater part of sub-Saharan Africa, besides a small number of representatives in the other continents: Europe, Oceania and America. The purpose of the paper is characterizing this construction found in Mosetén and Chimane as part of a specific type of adnominal possession found in all continents which as yet has not been properly delimited as a type or subtype of possessive NP construction.

KEYWORDS: Mosetén; Chimane; Possessive noun phrases; Translativ; Linguistic typology

RESUMO: O mossetén e o tsimané (chimané), falados na Bolívia são variedades linguísticas muito próximas. Segundo Sakel (2004), elas formam uma família de línguas das quais são os únicos representantes, ou constituem um *continuum* de variedades. Este trabalho trata dos sintagmas nominais possessivos nessas duas línguas, mais especificamente do elemento de ligação ou subordinativo que marca essa relação de posse. Seguindo a terminologia de Tesnière (1966), dou a esse elemento a denominação translativo. O interesse especial nessa construção se deve ao fato de que o translativo marcador de posse é um elemento que se flexiona. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre essa construção em línguas de todos os continentes, com difusão areal forte entre as línguas indoarianas e parcialmente nas irânicas, bem como na maior parte da África subsaariana, tendo ainda um número pequeno de representantes nos demais continentes: Europa, Oceania e América. O objetivo é caracterizar essa construção do mossetén e do tsimané como fazendo parte de um tipo específico de posse adnominal atestado em todos os continentes, a qual ainda não foi delimitada adequadamente como um tipo ou subtipo de construção de SN possessivo.

PALAVRAS-CHAVE: Mossetén; Tsimané; Sintagmas nominais possessivos; Translativo; Tipologia linguística

1. Introdução

A gramática da posse já inspirou um sem número de publicações, abordando aspectos extremamente variados dessa categoria linguística. Várias distinções já foram propostas para dar conta das suas diversas realizações, entre as quais destaco quatro.

Talvez uma das mais conhecidas seja a distinção de base semântica entre posse alienável e inalienável, embora com nomenclatura variada. Já Dixon (1910) discute a distinção entre o que ele denomina posse inerente e acidental, correspondentes, respectivamente, aos termos atualmente utilizados: inalienável e alienável. Poucos anos depois, Lévy-Brühl (1914: 97-98)¹ apontou que nas línguas melanésias a marcação da posse distinguia duas classes de substantivos: uma marcada por sufixos, a qual incluía partes do corpo, nomes de parentesco, relações espaciais e objetos estreitamente associados a uma pessoa, que corresponde à posse inalienável; e outra que utilizava um morfema possessivo livre com o mesmo conjunto de

¹ Ver Kockelman (2009: 28).

sufixos possessivos, e se usava com todos os outros substantivos, que exprimem a posse alienável.² Bally (1926), ao contrário do que supunha Lévy-Brühl, identificou uma distinção semelhante em línguas indo-europeias: a posse de elementos que expressavam o que faz parte da “esfera pessoal” frequentemente é expressa através de um dativo no nível da sentença, fora do sintagma nominal.³ Bally utiliza o termo indivisibilidade para se referir à inalienabilidade. O estabelecimento desta distinção em linguística já tem, portanto, mais de um século.

Há ainda outra distinção semântica muito discutida com relação ao termo *possessivo* em linguística, a qual, embora não seja o foco deste artigo, é importante mencionar nesta introdução. Trata-se do fato de *posse* na língua não se referir estritamente apenas à noção de posse extralinguística, podendo expressar uma série de relações entre as entidades denotadas pelos nominais. Uma vertente mais semântica da análise das construções possessivas busca determinar quais os tipos de relação que elas exprimem.

Restringindo-me à posse atributiva, temos exemplos como os seguintes: *o pai do menino* exprime uma relação de parentesco; já *a mão do menino* exprime uma relação de parte-todo; enquanto que *a roupa da mulher* exprime o que poderíamos denominar relação possessiva *stricto sensu*. Se examinarmos um SN como *a roupa da mulher*, no entanto, vemos ainda que ele é compatível com uma ampla gama de interpretações. A mulher pode ser a dona da roupa, pode ter sido quem a fez, quem a comprou, ou mesmo apenas quem a está usando ou carregando num dado momento.

Heine (1997: 156), sintetizando Nikiforidou (1991), ao analisar os usos do genitivo, que tem como uso mais prototípico expressar a posse atributiva, apresenta um mapa semântico, representação proposta em Kemmer (1993: 201-202). Apresento a seguir o mapa de Heine com seus termos traduzidos:

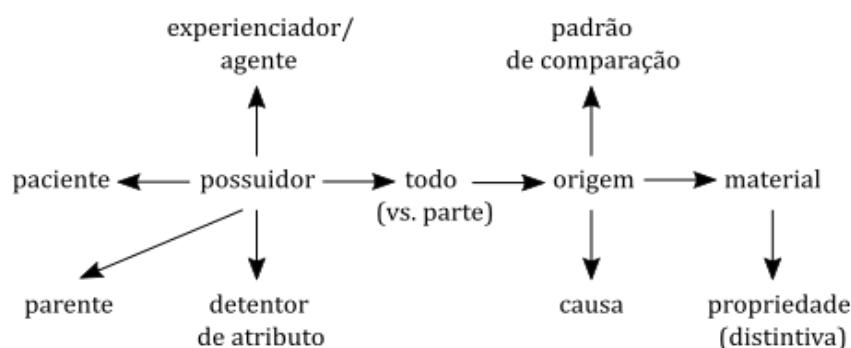


Fig. 1. Mapa semântico dos significados do genitivo (Heine 1997: 156).

Da categoria central, prototípica, de possuidor, partem setas que indicam diversas extensões de sentido. Como define Aikhenvald (2013: 2), a “posse” expressa linguisticamente no sintagma nominal é uma das realizações do conceito de associação ou relação entre dois substantivos, podendo haver ainda uma subdivisão de tipos de SNs possessivos usados especificamente para expressar determinados subtipos dessas relações. Sendo assim, pode-se considerar que o termo possessivo é válido para nos referirmos a essa construção, pelo fato de esse ser um dos usos mais prototípicos desse tipo de construção.

A terceira distinção, não mais semântica, mas sintática, é a que é feita com relação ao tipo de construções possessivas, contrapondo estruturas distintas de posse. A posse expressa dentro do sintagma nominal, o qual é constituído nesse caso prototipicamente por pelo menos dois nominais (substantivos ou pronomes) em uma relação de subordinação, recebe a

² Não tive acesso ao artigo para verificar se Lévy-Brühl utiliza os termos *alienável* e *inalienável*.

³ Veja-se, no entanto, a discussão dessa “posse externa” no início da seção 3.

denominação de posse atributiva ou adnominal. É desse tipo de construção que este artigo trata. A ela se contrapõe a posse predicativa, expressa através de uma sentença, podendo conter um verbo ou não, dependendo da língua (Stassen 2009, Creissels 2024).

Uma forma de distinguir os dois tipos de estrutura semanticamente é dizer que uma construção de posse predicativa, ou seja, casos em que a posse é expressa através de uma sentença como *Essa cidade tem um museu*, a qual denota uma situação, está associada a um valor de verdade, podendo ser verdadeira ou não, enquanto uma estrutura de posse atributiva, como *o museu dessa cidade*, denotando um ser, não está. Retomo esses dois tipos no início da seção 3, quando discutir a “posse externa”, outro tipo de construção possessiva proposto na literatura.

A quarta e última distinção, de caráter morfossintático, busca determinar quais as possibilidades e a gama de variação não no significado nem no domínio da expressão da posse, mas na forma como essa relação é expressa num dado domínio. É nessa vertente que se situa este trabalho. Especificamente no que tange à posse atributiva, tema deste artigo, ela pode ser expressa por meios tanto morfológicos quanto sintáticos, ou em alguns casos apenas fonológicos (através de tons, por exemplo). O objetivo do artigo é apresentar primeiro os tipos já descritos de estruturas do sintagma nominal possessivo, passando depois a examinar um tipo ainda pouco descrito ou não claramente identificado na literatura. Esse tipo, que é o foco deste artigo, se encontra na América do Sul aparentemente apenas nas línguas mossetén e tsimané, faladas na Bolívia, as quais compõem a família de línguas mossetenas. Essas duas línguas fazem parte de um projeto muito maior, que inclui línguas de todos os continentes. O objetivo mais amplo deste artigo é, além de delimitar claramente a construção, situar o mossetén e o tsimané⁴ em termos tipológicos nesse aspecto.

Para ilustrar o funcionamento da construção e do elemento que a caracteriza, o qual denomino translativo, examinemos exemplos do híndi, língua da qual disponho de mais dados do que das que são tema deste artigo. Antes dos exemplos, algumas informações preliminares. Os substantivos em híndi se dividem em dois gêneros, masculino e feminino, e apresentam dois números, singular e plural. Há dois tipos de adjetivos na língua, os invariáveis, normalmente terminados em consoante, como *la:l* ‘vermelho’, e os variáveis, como *ni:la:* ‘azul’. Há ainda flexão de caso, essencialmente nominativo e oblíquo, mas a flexão de gênero e número bastará para demonstrar que se trata de um elemento flexionado à maneira de um adjetivo.

- | | | |
|-----|--|--|
| (1) | la:l dərva:za: / la:l dərva:ze:
la:l kʰiɽki: / la:l kʰiɽki:jã: | ‘porta vermelha/portas vermelhas’ (masc.)
‘janela vermelha/ janelas vermelhas’ (fem.) |
| (2) | ni:la: dərva:za: / ni:le: dərva:ze:
ni:li: kʰiɽki: / ni:li: la:l kʰiɽki:jã: | ‘porta vermelha/portas vermelhas’ (masc.)
‘janela vermelha/ janelas vermelhas’ (fem.) |

O tipo de adjetivo que nos interessa aqui é o segundo, do tipo de *ni:la:*. Vemos que ele tem as terminações *-a:* no masculino singular, *-e:* no masculino plural e *-i:* no feminino, tanto no singular quanto no plural, e que concorda com os substantivos *dərva:za:* ‘porta’, que é masculino, e *kʰiɽki:* ‘janela’, que é feminino. Passemos aos sintagmas nominais possessivos, examinando dados de Agnihotri (2007: 188), os quais transcrevo fonologicamente e acrescento glosas, pois não há na obra original:

⁴ A literatura sobre essas línguas é predominantemente em inglês. Os nomes das línguas são escritos Mosetén e Chimane, consideradas uma língua no Glottolog (<https://glottolog.org>), tendo o nome grafado como Mosetén-Chimane e o código. ISO 639-3. Como a grafia *mosetén* reflete uma pronúncia com /s/, aportugueso a grafia como *mossetén*. O nome da língua tsimané é mais comumente grafado chimane em textos de linguística, mas utilizo uma grafia mais de acordo com a pronúncia, que Sakel translitera como tsimane’.

- (3) [Ra:m ka:] lɛʔka:
 Ram TRANSL.M.SG filho
 ‘o filho de Ram’
- (4) [Ra:m ke:] lɛʔke:
 Ram TRANSL.M.PL filhos
 ‘os filhos de Ram’
- (5) [Ra:m ki:] lɛʔki:
 Ram TRANSL.F.SG filha
 ‘a filha de Ram’
- (6) [Ra:m ki:] lɛʔkijã:
 Ram TRANSL.F.PL filhas
 ‘as filhas de Ram’

Os colchetes foram acrescentados por mim e delimitam o constituinte que expressa a posse, os possessivos. O nome próprio *Ra:m* é um substantivo masculino singular. Os possessivos dos exemplos, no entanto, podem ter gênero masculino ou feminino, e número singular ou plural. O próprio Agnihotri (2007: 187) afirma que *ka:* na verdade funciona como um adjetivo. Nikolaeva e Spencer (2012: 210) também analisam essa construção essencialmente dessa forma, pois afirmam que a “posposição” *ka:* de fato serve para transformar o sintagma nominal do possuidor em um sintagma modificador atributivo.

Assim como fazem Nikolaeva e Spencer (2012), predominantemente se analisa o translativo como posposição nas línguas indoarianas (por ex., em Koul 2008: 55), o que é um equívoco, pois se assim o fosse, seria a única preposição flexionada dessas línguas. Já Cardona (1965: 144), embora utilize a denominação clítico para o *-n-* usado em guzerate, outra língua da família, afirma logo em seguida que esse clítico necessariamente é seguido por marcadores de gênero e essa sequência de clítico mais marcadores de gênero produz um sintagma adjetival, análise coincidente com a deste artigo.

Ora, uma propriedade crucial que distingue substantivos e adjetivos em línguas com flexão é que os substantivos possuem gênero e número próprios, mas os adjetivos não, pois concordam com os substantivos, o que corresponde à distinção entre flexão inerente, a dos substantivos, e contextual, como a dos adjetivos (Booij 1994). Como *Ra:m* é um substantivo e os possessivos construídos a partir dele funcionam como adjetivos, podemos considerar que o elemento *ka:* essencialmente converte substantivos em adjetivos. Esse é o motivo pelo qual denomino esse elemento *translativo*, o que será detalhado na seção 4.

Esse tipo de construção é encontrado nos cinco continentes: África, América, Ásia, Europa e Oceania. Contudo, consultando a literatura sobre as línguas que apresentam essa construção, verificamos que os nomes dados ao translativo variam enormemente, e acabam escondendo a uniformidade entre as construções. Ele aparece com as seguintes denominações, entre outras: artigo genitival (Dobrovie-Sorin e Giurgea 2013) ou artigo possessivo (Gönczöl 2007) em romeno; artigo anteposto (Buchholz e Fiedler 1977),⁵ conectivo (Hendriks 1982) ou partícula de ligação⁶ (Breu 2010: 448) em albanês; *ezafê*⁷ em línguas como o persa (Yousef 2018) e outras irânicas; conectivo (Nurse e Philippson 2003), e até mesmo conjunção (!)

⁵ Essa denominação distingue o translativo do artigo definido, pois a forma dos dois frequentemente coincide, mas o artigo definido é posposto.

⁶ *Linking particle*.

⁷ Do árabe /ʔidʕafa/ إضافة, lit. ‘acrécimo’, mas usado também com o sentido de genitivo, possessivo ou apostro.

possessiva (Mpiranya 2015: 25) em línguas bantas; *linker* genitival em Jaggar (2001) em haussá; e nexos em Sakel (2009) no mossetén e no tsimané. O fato de cada pesquisador trabalhar, com raras exceções, como Franco, Manzini e Savoia (2015), essencialmente apenas com uma língua ou uma família, leva à proliferação de termos que em última análise se referem ao mesmo tipo de estrutura. Utilizar todos esses termos neste trabalho dificultaria acompanhar que se está tratando do mesmo elemento. Por esse motivo, utilizo ao longo do artigo apenas o termo que proponho, translativo, baseado na análise que proponho. Para que haja uniformidade na apresentação dos dados, não apresentando termos que dificilmente seriam identificados como se referindo à mesma coisa, substituo os rótulos variados das glosas originais pela abreviatura TRANSL e cito a glosa original em nota de rodapé.

O artigo, escrito numa perspectiva tipológica, está organizado em cinco seções. A primeira é esta introdução. A seguir vem uma seção com as principais informações sobre as línguas mossetén e tsimané. A terceira seção trata da posse gramatical e da tipologia dos sintagmas nominais possessivos. Na quarta seção, vemos os dados da posse atributiva em mossetén e tsimané. Na última seção, faço considerações finais e situo essa construção do mossetén e do tsimané tipologicamente como fazendo parte de um tipo ainda não claramente previsto na literatura. Após o texto, antes das referências, se encontra a lista das abreviações utilizadas nas glosas.

2. As línguas mossetén e tsimané

Esta breve seção se baseia na introdução da gramática do mossetén contida no capítulo 1 de Sakel (2004). Segundo a autora, o mossetén é falado na encosta oriental dos Andes na Bolívia, na região de Yungas do Departamento de La Paz, formando junto com o tsimané a família linguística mossetenana ou a forma que utilizo aqui, mossetênica.

Possivelmente se trata de um contínuo de dialetos, mas como os falantes consideram que fazem parte de dois grupos étnicos distintos, embora aparentados, Sakel as trata como línguas diferentes. Há três variedades principais: o mossetén de Covendo, o mossetén de Santa Ana e o tsimané. Nesse contínuo dialetal, o mossetén de Santa Ana ocupa a posição intermediária, contendo características comuns com cada uma das outras variedades, sendo inteligível para todos os falantes. A compreensão entre os falantes do mossetén de Covendo e os do tsimané é possível apenas para os mais tolerantes, segundo Sakel. Os dados da gramática se baseiam na variedade de Covendo. Não está claro se essa família de línguas ou contínuo de dialetos está incluída geneticamente numa família mais ampla. De acordo com Sakel, já foi proposto que há semelhanças com outras línguas, mas a comprovação normalmente é vaga.

Os mossetenes se denominam *mintyi'in* ‘pessoas’, e sua língua recebe a denominação de *tsinsi' mik*, ‘nossa língua’ ou *khäei's i' mik*, que Sakel traduz como ‘*language of oneself*’. Também são usados os termos *tsinsisi'* ou *tsinsis*. Quanto aos exônimos dados ao povo, Métraux (1948: 15) lista: rache, amo, chumpa, cunana, aparono e magdaleno. Ele ainda menciona que alguns mossetenes foram denominados muchanes e outros tucupi, em referência aos rios nas margens dos quais viviam. Já os tsimanés receberam as denominações chimanisa, chumano, chimani e nawazi-montji, segundo Métraux.

Menciono agora as características gramaticais especificamente do mossetén mais relevantes para este artigo, que são compartilhadas com o tsimané (Sakel 2004, 2009). A ordem dos constituintes no sintagma nominal em geral é: determinante, seguido de modificador e depois o substantivo, embora modificadores mais longos, tais como orações relativas, apareçam após o substantivo. O sintagma nominal pode ser descontínuo, inclusive com um verbo ocorrendo entre suas partes. Os substantivos se dividem em dois gêneros: feminino e masculino. Comumente o gênero não se manifesta nos substantivos em si, sendo detectável apenas pela concordância de outros constituintes do sintagma nominal e do verbo, e até mesmo

partículas modais, advérbios de lugar e um marcador de beneficiário. A classificação dos substantivos como masculinos ou femininos é motivada apenas para os seres humanos. O restante dos substantivos tem gênero aparentemente arbitrário.

3. Posse gramatical e tipologia dos sintagmas nominais possessivos

Sintaticamente, é costume distinguir três tipos de posse. Além das duas mencionadas na introdução, a posse atributiva e a predicativa, postula-se a existência de uma construção de posse externa (Payne e Barshi 1999). A posse atributiva ou adnominal, como vimos, é a relação que se instaura entre dois nominais dentro de um sintagma nominal, como em *a capa do livro*. A posse predicativa se refere a orações que têm uma interpretação equivalente a um estado de ‘ter’, como, por exemplo, *Eu tenho dois irmãos*.

O que equivocadamente se denomina posse externa é a construção presente em *Você me penteou o cabelo*. Argumento com Lehmann (2006) que se trata de uma denominação equivocada. Vejamos um exemplo do hebraico do que é comumente considerado posse externa (Payne e Barshi 1999: 21):

- (7) Hu roxets lo (et ha) yadaim.
 ele lava lhe(M) (PREP.OD.DEF AD) mãos
 ‘Ele está lhe lavando (as) mãos.’
 Ele_i está lavando as mãos dele_j.’ (interpretação preferida)
 Ele_i está lavando as mãos dele_i.’ (interpretação possível, porém mais restrita)

Como defende Lehmann (2006: 164-165), ao discutir os termos *dativo possessivo* e *possuidor externo*, esse “dativo possessivo” não tem realmente a função de marcação de posse, pois a relação de posse não é expressa. Essa suposta posse é na verdade inferida com base na semântica, já que um substantivo como ‘mão’, no exemplo (7), é um conceito relacional, pressupondo, portanto, um possuidor. Da mesma maneira, o que se costuma denominar possuidor externo não é estruturalmente um possuidor, mas um *sympatheticus*, definido em Lehmann (2006: 164) como o papel de um paciente empático que é afetado se uma parte sua é afetada. Nesse caso, o papel de possuidor é apenas inferido.

Nas páginas 164 e 165, Lehmann afirma que, na gramática tradicional, o uso dos casos distingue o ‘*dativus sympatheticus*’, o ‘*dativus commodi*’ e o ‘*dativus possessivus*’, os quais na prática são difíceis de distinguir, inclusive pelo fato de um participante poder ter mais de um desses papéis associado a ele ao mesmo tempo. Lehmann acrescenta que, na maioria das línguas, o chamado “dativo possessivo” não é de fato uma função do dativo, sendo inferida com base no significado, já que ‘cabelo’ (ou no exemplo acima, ‘mãos’) é um conceito relacional, então deve haver um possuidor envolvido na situação.

3.1 Tipologias do sintagma nominal possessivo

Duas tipologias influentes sobre a marcação da posse interna ao sintagma nominal são a de Aikhenvald (2013) e a de Nichols e Bickel (2013).⁸ Apresento com certo detalhe e com exemplificação ambas as tipologias, que são referência na literatura. Essa apresentação tem o intuito de deixar claro que a construção aqui examinada do mossetén e do tsimané não foi claramente delimitada em nenhuma das duas, nem como um dos tipos, nem como um subtipo de alguma delas.

⁸ Nichols e Bickel (2013) foi citado por 96 outros trabalhos e Aikhenvald (2013) por 147 de acordo com pesquisa feita por mim no Google Acadêmico em junho de 2025.

Nichols e Bickel (2013) classificam as construções usadas para expressar a posse internamente ao sintagma nominal com base no conceito de *locus*, que é o elemento ou elementos em que há uma marcação da relação existente entre o possuidor e o possuído. Num sintagma nominal como *os galhos da árvore*, o núcleo é *galhos*, pois a expressão como um todo se refere a galhos e não a uma árvore, tendo ainda o gênero masculino e o número plural. Nessa expressão, *árvore* é o dependente. O *locus* da marcação morfossintática entre esses dois elementos varia entre as línguas.

No levantamento feito por Nichols e Bickel, que tinha objetivos comparativos, foi selecionado apenas um tipo de construção para cada língua, aquele que está sujeito a menos restrições gramaticais, sendo, portanto, o mais frequente, embora eles deixem claro que há línguas que admitem mais de uma construção. Por exemplo, se há uma construção usada com a maioria dos substantivos e outra usada só com nomes de parentesco, a primeira foi selecionada para fins de comparação.

Eles distinguem cinco tipos de construções possessivas atestadas nas línguas. A relação de posse envolve dois nominais. Como qualquer relação linguística, ela pode em princípio ser marcada no elemento que é o núcleo da relação ou no seu elemento dependente, nos dois ou em nenhum deles. Há ainda um último grupo, o qual denominam ‘outros’.

Já Aikhenvald faz de início uma subdivisão dos significados da posse em sintagmas nominais em dois grupos, os centrais e os associativos. No primeiro grupo estão a posse propriamente dita, as relações de parte e todo, e as relações de parentesco. No grupo associativo estão a associação em geral (*Paul’s dentist*), a orientação e a localização (*top of the mountain*, *bottom of the pile*), e a atribuição e propriedades em geral (*the man’s temperament*).

Ambas as tipologias da estrutura dos SNs possessivos têm cinco categorias. Apesar da terminologia diferente, podemos considerar que quatro tipos são comuns a ambas, trazendo ainda cada tipologia uma categoria única. A distinção terminológica mais geral é que Aikhenvald utiliza os termos semânticos *possuído* e *possuidor*, ao passo que Nichols e Bickel (doravante N&B) utilizam, respectivamente, os termos correspondentes *núcleo* e *dependente*. Para os fins deste artigo, as terminologias são equivalentes, já que há uma correspondência biunívoca entre os dois termos de cada uma, não sendo necessário entrar na discussão de quais as razões para a escolha dos autores citados.

Os seis tipos propostos, a ser detalhados na seção seguinte, são:

- A) Marcação no núcleo (N&B) ou no possuído (Aikhenvald)
- B) Marcação no dependente (N&B) ou no possuidor (Aikhenvald)
- C) Marcação dupla (ambos)
- D) Marcação sintática (ordem dentro do SN, para Aikhenvald) / sem marcação (para N&B)
- E) Marcador independente (só Aikhenvald)

3.1.1 Os tipos de Aikhenvald (2013) e Nichols e Bickel (2013)

Vejamos cada um dos tipos, seguindo a ordem da classificação acima. Nesta seção, ao final da linha de cada exemplo, cito entre colchetes a fonte. Abrevio Aikhenvald como Aikh. O tipo A traz marcação no núcleo (N&B) ou no possuído (Aikh). As explicações fornecidas nesta seção são extraídas desses dois textos. Aikhenvald não menciona junto com os exemplos a filiação da língua, mas acrescentei essa informação. As fontes entre parênteses indicam de que obra Nichols e Bickel ou Aikhenvald obtiveram os dados. O único objetivo da apresentação dessas duas tipologias é demonstrar que a construção tema deste artigo não aparece em nenhuma delas. Não é o objetivo deste artigo discutir a correção das análises. Sendo assim, apenas apresento os exemplos das obras citadas.

- (8) acoma (língua keressana; Novo México; Miller 1965: 177) [N&B]
 s'adyúm'ə gâam'a
 1SG.irmão 3SG.casa
 'a casa do meu irmão' (lit. 'meu_irmão casa_dele')
- (9) mussau-emira (língua oceânica; Papua Nova Guiné; Brownie e Brownie 2007: 76) [Aikh]
 natu-na ateva Kealo
 filho/a:1-3SG CLASS:1 Kealo
 'o filho/a filha de Kealo'

No exemplo (8), o substantivo 'casa' traz a informação de que ela está associada a um possuidor de terceira pessoa do singular. No exemplo (9), o mesmo se aplica ao substantivo 'filho/a'. Repare que o dependente ou possuidor não traz nenhuma marca da relação de posse. Embora no caso de s'adyúm'ə, o possuidor no exemplo (8), apareça a marca de possuidor de primeira pessoa do singular, essa marca é de que ele é o possuído na relação de parentesco, e não na relação com a casa.

Um tipo que ambas as classificações incluem como subtipo deste é o que tem a marcação que Aikhenvald, seguindo Dixon (2010), denomina 'pertensivo'. Essa marcação equivale a um morfema marcador de estado construído em línguas semíticas, ou seja, ele apenas indica que há um possuidor, sem diferenciar pessoa e número, por exemplo. O termo *construto* é o utilizado em Hyslop (2001). Glosso esse morfema como POSS, sem indicação de pessoa ou número do possuidor. Ele ocorre no exemplo do dialeto lolovoli da língua ambae do Nordeste, uma língua oceânica falada em Vanuatu (Hyslop 2001: 167):

- (10) gamali-ni Robert [Aikh]
 club.house-POSS Robert
 'o clube (lugar) do Robert'

N&B citam um exemplo do mesmo subtipo. Eles o definem como o das línguas em que o núcleo recebe um morfema que apenas o caracteriza como tendo um possuidor, sem especificar, por exemplo, com que pessoa do discurso há essa relação. Em fijiano, por exemplo, um sufixo possessivo genérico *-i* marca nomes possuídos; os exemplos mostram como ele não varia a depender da pessoa do possuidor:

- (11) fijiano (austronésia; Fiji; Dixon 1988: 36) [exemplo de N&B]
 a. a mata-i Jone
 ART olho-POSS John
 'o(s) olho(s) de John'
 b. a liga-i 'eirau
 ART mão-POSS 1DU.EXCL
 'nossa(s) mão(s)'

O sufixo *-i* apenas indica que 'olho' ou 'mão' estão associados a um possuidor. Nada mais. Num subtipo com características prosódicas, em iorubá, o substantivo possuído tem sua vogal final alongada e recebe um tom médio diante de um possuidor iniciado por consoante:⁹

⁹ Obviamente isso significa 'substantivo iniciado por consoante que expressa o possuidor'. Utilizo a expressão mais breve, embora menos precisa, para fins de concisão.

- (12) iorubá (Benuê-Congo; Nigéria; Awobuluyi 1978: 40) [N&B]
 owóo Dàda
 dinheiro.POSS Dada
 ‘o dinheiro de Dada’ (cf. owó ‘dinheiro’)

O tipo **B** é o que traz marcação no dependente (N&B) ou no possuidor (Aikh), como vemos a seguir nos exemplos do tchetcheno (língua nakh-daguestaniana), provenientes de pesquisas de Nichols, citados em N&B, sem que seja fornecida referência, só a informação de que Nichols os coletou:

- (13) loem-an k’orni
 leão-GEN filhote
 ‘filhote de leão’ (lit. ‘de_leão filhote’)
- (14) mashien-an maax
 carro-GEN preço
 ‘o preço do carro’ (lit. ‘de_carro preço’)

Nessa construção usa-se o genitivo no possuidor. Aikhenvald traz um exemplo do alemão:

- (15) das Buch [mein-es Vater-s] [Aikh]
 ART.N.SG livro meu-GEN.SG.M pai-GEN.SG
 ‘o livro do meu pai’

O núcleo dos dois sintagmas nominais possessivos em (13) e (14), respectivamente *k’orni* ‘filhote’ e *maax* ‘preço’, não contém qualquer marca que indique que ele está participando de uma relação de posse. É o dependente, o substantivo que denota o possuidor, que fica no genitivo para expressar essa relação.

O tipo **C** traz marcação nos dois elementos, tanto no núcleo quanto no dependente:

- (16) Miwok da Serra Sul (língua da família miwok-costano falada na Califórnia; Broadbent 1964: 133) [N&B]
 cuku-ŋ hu:ki-ʔ-hy:
 cachorro-GEN rabo-3SG
 ‘rabo do cachorro’ (lit. ‘do_cachorro seu_rabo’)

Como vemos no exemplo, o miwok da Serra Sul utiliza as duas estratégias para expressar a relação de posse: o dependente fica no genitivo e o núcleo apresenta um afixo que indica a pessoa e o número do possuidor. O exemplo citado por Aikhenvald é do turco:¹⁰

- (17) ev-in sahib-i [Aikh]
 casa-GEN dono-POSS3SG
 ‘o dono da casa’

O tipo **D** é o que não traz nenhuma marcação morfológica (N&B) ou o que tem a posse marcada pela mera justaposição dos membros do SN possessivo (Aikh).

¹⁰ Embora Aikhenvald glose o sufixo *-in* de *evin* como pertensivo, ele é na verdade o genitivo do substantivo *ev* ‘casa’.

- (18) tiwi (isolada; norte da Austrália; Osborne 1974: 74) [N&B]
 jərəkəpai tuwaja
 crocodilo rabo
 ‘(um/o) rabo do crocodilo’ (lit. ‘crocodilo rabo’)
- (19) como em tucano (família tucano; Colômbia, Brasil, Venezuela) [Aikh]
 yi’î pa-ko
 eu genitor-FEM
 ‘minha mãe’

Nichols e Bickel trazem dois exemplos do asmat (família asmat; falada em Papua, na Indonésia; Voorhoeve 1965: 133, 136):

- (20) Warsé ci
 Warse canoa
 ‘a canoa de Warse’ (lit. ‘Warse canoa’)
- (21) no cem
 1SG casa
 ‘minha casa’ (lit. ‘eu casa’)

O tipo E, descrito apenas em Aikhenvald (2013: 8), é o que tem o uso de um marcador independente. Essa é a única informação que ela dá sobre esse tipo, mas o que se pode inferir pela comparação com os demais tipos é que ele não é expresso através de flexão, mas sim através de uma palavra independente ou de um clítico. Ela cita exemplos como o seguinte do ewé, encontrado em Ameka (1996: 791):

- (22) kofí fé awu
 Kofi POSS roupa
 ‘a roupa do Kofi’

Aikhenvald remete ainda a outros capítulos do mesmo livro, como o que trata do mandarim (Luo 2013). A descrição feita nele é que a posse é expressa através do enclítico *de*, com a ordem possuidor + *de* + possuído, como no seguinte exemplo:

- (23) háizi de mǔqin
 criança POSS mãe
 ‘a mãe da criança’

Na classificação de Nichols e Bickel (2013), esse tipo não aparece. Eles analisariam esse marcador como estando mais próximo ao núcleo ou ao dependente, como se vê no mapa do capítulo, em que o francês e o espanhol, que marcam a posse com a preposição *de*, são incluídos entre as línguas com marcação no dependente. É o que ocorre também em português, em que num sintagma nominal como *o nome do rio*, a preposição *de* se encontra mais unida ao dependente *o rio* do que ao núcleo *o nome*, formando com ele o sintagma preposicional *do rio*.

De acordo com Nichols e Bickel, a divisão entre marcação no núcleo, no dependente, dupla ou zero não esgota os tipos possíveis. Eles afirmam haver vários outros padrões pouco frequentes, mas sistemáticos. Todos eles são agrupados como *outros* e aparecem dessa forma no mapa do capítulo. Um deles é o marcador livre (ou flutuante), em que o marcador fica posicionado não com relação ao núcleo ou ao dependente, mas com relação às bordas do

sintagma nominal. Provavelmente o tipo mais comum é aquele em que esse marcador aparece na segunda posição, ou posição de Wackernagel,¹¹ vindo logo após a primeira palavra ou unidade equivalente no SN, como se vê nos exemplos a seguir do Chamorro. Esse clítico é usado não só em SNs possessivos, mas também em SNs com modificadores adjetivais. Nos SNs possessivos pode não ficar claro que ele ocupa a segunda posição no SN, mas nos SNs com modificação adjetival fica, pois o modificador pode vir antes ou depois do núcleo, e o clítico vem sempre depois do primeiro elemento.

- (24) Chamorro (Austronesian; Guam; Topping 1980: 223) [exemplo de N&B]
 i=lepblo=n estudante
 ART=livro=LINK estudante
 ‘o livro do estudante’

O que revela que o =n é um clítico de segunda posição é o fato de ele ocorrer em sintagmas com modificadores com a ordem invertida. Constatase que ele vem logo após o primeiro elemento, seja ele qual for.

- (25) Chamorro (Topping 1980: 208) [exemplo de N&B]
 a. i=dankalo=n taotao
 ART=grande=LINK homem
 ‘o homem grande’
 b. i=kareta=n Japanese
 ART=carro=LINK japonês
 ‘carro japonês’

Outro tipo menor, nos termos de Nichols e Bickel, ou seja, pouco frequente, é a marcação no dependente que migra para o núcleo, em que um dependente plenamente flexionado (em geral, um argumento pronominal) se cliticiza ao núcleo, como no bororo (língua macro-jê falada em Mato Grosso):

- (26) bororo (Crowell 1979: 197)¹² [exemplo de N&B]
 barae eno moto
 brasileiros 3PL.GEN terra
 ‘Brasil’ (lit. ‘a terra dos brasileiros’)

O marcador *eno* é um marcador de posse alienável. Finalizo esta seção ressaltando que a construção do mossetén e do tsimané não aparece descrita em nenhum dos tipos, nem como subtipo. Suas características serão vistas na próxima seção.

4. Os sintagmas nominais possessivos em mossetén e tsimané

Para tratar dos sintagmas nominais possessivos nas línguas mossetênicas, utilizarei o quadro proposto por Tesnière (1966). Tesnière elabora um quadro de análise da sintaxe das línguas naturais que contém quatro classes gramaticais de palavras cheias: o substantivo, que se aplica a substâncias (ou seres) e o verbo, que se aplica ao que ele denomina processos

¹¹ Mantenho aqui a terminologia de Nichols e Bickel (2013).

¹² Embora a referência dada em Nichols e Bickel (2013) seja essa, não localizei o exemplo em Crowell (1979).

(estados e ações); e com a função de expressar os atributos dessas duas classes, respectivamente, o adjetivo e o advérbio.

Dois frutos muito importantes dessa obra de Tesnière, publicada postumamente, foram a sintaxe da dependência e a ideia de valência de um predicado. Sua obra poderia ter tido mais impacto, mas, o fato de ele ter falecido em 1954 e sua obra sido publicada em 1959, já sob a égide do surgimento da linguística gerativa, limitou muito sua difusão mais ampla, aliado ao fato de ela ter sido publicada em francês.

Na introdução à tradução inglesa publicada em 2015, os tradutores Timothy Osborne e Sylvain Kahane comentam que a teoria de Tesnière da translação talvez seja o menos conhecido e o mais inovador componente de sua abordagem da sintaxe. Eles definem a translação como a ferramenta que permite que uma unidade de uma categoria sintática ocupe uma posição normalmente ocupada por outra categoria sintática. Essa forma de definir a translação pelos tradutores revela que, ao redigir a introdução, eles não conseguiram se libertar de um vício produzido pela forma de pensar predominante na teoria sintática atual, em que são as posições em árvores sintáticas que determinam tudo. Tesnière define a translação como um mecanismo que tem o efeito de produzir uma mudança de função, não de posição.

O substantivo *translação* em latim se relaciona com o português *transferir* e ao francês *transférer*, pois *translatum* é o particípio ou supino de *transféro*, *transfere*. Assim sendo, Tesnière afirma que a translação consiste em transferir uma palavra cheia de uma categoria gramatical para outra, por exemplo, convertendo um substantivo em adjetivo.

Como o subordinado prototípico do substantivo é um adjetivo, o papel de uma preposição como *de*, em *le livre de Pierre* ‘o livro de Pierre’, na análise de Tesnière, é fazer com que *Pierre*, morfologicamente um substantivo, assuma na sintaxe a função de um adjetivo. A preposição *de* é o translativo que efetua essa mudança de classe gramatical.

Tesnière analisa da mesma maneira o genitivo, para ele um caso que permite que um substantivo passe a funcionar na sintaxe como um adjetivo, estando subordinado a um substantivo. A análise de Tesnière é claramente funcionalista. O que ocorre nas línguas que veremos neste artigo é que um constituinte possessivo formado a partir de um substantivo não só exerce uma função que pode ser atribuída a um adjetivo, mas também se comporta em termos de flexão como adjetivo. Foi o que vimos com relação ao híndi na introdução. Sendo assim, esse tipo de construção é uma evidência de que ao menos em uma parcela de línguas o constituinte que expressa posse necessariamente se flexiona como um adjetivo, tendo, portanto, fundamento a análise de Tesnière.

Passemos aos dados do mossetén e do tsimané. Nessas línguas, os sintagmas nominais possessivos em que o possuidor é um substantivo são formados como nos exemplos a seguir do mossetén apresentados em Sakel (2004: 64-65):¹³

(27) Martin-si’ aka’
 Martin-TRANSL.F casa(F)
 ‘a casa do Martin’

(28) Martin-tyi’ jen’
 Martin-TRANSL.M pai
 ‘o pai do Martin’

O tsimané utiliza exatamente a mesma construção, como vemos nos exemplos a seguir de Ritchie (2017: 675):

¹³ Sakel glosa o translativo como *linker*.

- (29) mọ' Juan-si' dar-si' ococo
 AD.F Juan(M)-F grande-F rã(F)
 'a rã grande do Juan'
- (30) mu' Juan-tyi' dar-tyi' ìtsiquij
 AD.M Juan(M)-M grande-M onça(M)
 'a onça grande do Juan'

Sakel (2009: 348) se refere aos morfemas *-si' / -tyi'* como *nexus* em inglês e *nexo* em espanhol. Embora o termo mais comum na literatura tenha sido *linker*, fica patente que a ideia contida no uso dos termos é a mesma: eles são elementos usados para unir dois outros elementos. Usando a terminologia de Tesnière, por considerar que esse elemento converte um substantivo num sintagma adjetival, refiro-me a esse elemento como um translativo. Como os exemplos revelam, o mossetén e o tsimané utilizam exatamente o mesmo padrão. Se o possuído for feminino, o translativo é *-si'*, se for masculino, ele ocorre na forma *-tyi'*. É justamente essa concordância que nos permite analisar a forma com esses morfemas como adjetivos.

O que não aparece em nenhuma das duas tipologias discutidas na seção 3, que é o que destaco aqui, é essa conversão ou translação em adjetivo não só em termos funcionais, mas em termos de forma. Em algumas línguas, o **subordinador** não é um elemento invariável, mas se flexiona, apresentando concordância com o possuído.

4.2 Outras funções do translativo em mossetén e tsimané

Uma leitura atenta terá identificado que o marcador *-tyi'* (M) / *-si'* (F) do mossetén e do tsimané não é usado apenas em construções possessivas, como se vê nos exemplos (22) e (23). Sakel (2004: 105) o classifica como um marcador multifuncional. Isso porque um grande número de estruturas de subordinação a um substantivo é marcado através desse elemento. Além das estruturas possessivas já vistas, temos as que se seguem.

A primeira estrutura que deve ser mencionada é aquela em que adjetivos são usados em contexto atributivo, ou seja, como parte de um sintagma nominal. Nesse contexto eles também carregam esse morfema. Os exemplos (22) e (23) acima já trazem essa característica. Em (22), por exemplo, *mọ' Juan-si' dar-si' ococo*, o morfema *-si'* aparece tanto no possessivo *Juan-si'* quanto no adjetivo *dar-si'*. Os adjetivos usados em contexto atributivo, ou seja, como parte de um sintagma nominal, também são construídos com esse morfema. Outro exemplo, apenas com modificador adjetival dado por Sakel é:

- (31) jaem'-tyi' mintyi'
 bom-TRANSL.M homem
 'um bom homem'

Outra função desse morfema é a de marcador de oração relativa, novamente um constituinte potencialmente subordinado a um substantivo. No exemplo a seguir, no entanto, temos uma relativa livre, não subordinada a um substantivo:

- (32) Chhata' katyi' khä mabe,
 MOD EV.OUV bem enorme,
 katyi' khä-in, jeb-a-k-dye'-ya' phañ-i'-si'-in.
 EV.OUV bem-PL comer-STV-NMLZ-ADESS crescer-STV-F.SG-TRANSL.F-PL
 'Certamente são enormes as que crescem com os animais.'

No exemplo, o termo *phañi'si'in*, traduzido como ‘as que crescem’ contém o marcador *si'in*, composto do translativo *-si'* e do morfema de plural *-in*. Outros usos desse translativo são: em nominalizações; com participípios, o que pode ser incluído no uso com adjetivos; com marcadores relacionais, que frequentemente expressam informações sobre origem locativa; com um beneficiário; com numerais ordinais; com o indefinido *yok* ‘outro’, entre outras funções. Ele é, portanto, um subordinador generalizado do sintagma nominal.

Essa característica, a qual é muito difundida entre as línguas, é discutida em Nikolaeva e Spencer (2012). Como eles observam (p. 208), a construção de modificação atributiva e a de posse, apesar de serem de tipos diferentes, têm em comum o fato de estarem subordinadas a um substantivo. Em termos funcionais como em Tesnière (1966), ambos têm função adjetival, isto é, de modificar um nome. Apesar de serem de tipos diferentes, talvez pelo fato de terem essa função semelhante, há uma conexão tipológica de proximidade entre as duas construções. Há línguas em que esses dois tipos de estruturas são muito semelhantes ou mesmo iguais. Um dos exemplos bem conhecidos dessa associação que Nikolaeva e Spencer citam é o ezafê do persa e outras línguas irânicas, um morfema sufixado ao substantivo que expressa que na sequência vem um elemento subordinado ao substantivo. A análise desses autores pretende examinar a relação precisa entre a modificação atributiva e a posse onde a delimitação entre as duas fica menos nítida, exatamente o que verificamos em mossetén e em tsimané.

5. Considerações finais. A construção possessiva do mossetén e do tsimané como um tipo presente em todos os continentes

Esta análise do mossetén faz parte de uma pesquisa que inicialmente tem o objetivo de identificar as línguas que apresentam sintagmas nominais possessivos com translativos para posteriormente analisá-la mais pormenorizadamente, bem como suas implicações tipológicas. Uma pergunta que pode ser feita é: o uso de translativos no sintagma nominal possessivo, como encontramos no mossetén e no tsimané, é rara ou comum? A resposta depende do conjunto de dados que levarmos em consideração.

No levantamento que tenho feito, até o momento essa é a única língua ou família linguística que apresenta essa construção nas Américas. Mas não é o que ocorre se examinarmos outros continentes. O continente em que os translativos nos sintagmas nominais possessivos são mais difundidos é a África. Duas famílias com grande número de línguas e falantes apresentam essa construção: as línguas bantas e as indoarianas. Na família das línguas bantas, cujo total é estimado entre 300 e 600, dependendo do critério (van de Velde 2013), aparentemente essa é uma característica geral, embora possa haver algumas línguas que a tenham perdido. O total de falantes de línguas bantas é de mais de 240 milhões, segundo Nurse e Philippson (2003), obra de referência sobre as línguas bantas. A parte 2 do livro contém 17 capítulos com esboços gramaticais de línguas específicas ou subgrupos de línguas da família. Todas as línguas apresentadas nessa parte do livro seguem esse padrão. Apresento aqui dados do cuwabo (Guérois 2019: 745), falado em Moçambique (P34 na classificação de Guthrie 1967-1971):¹⁴

- | | | | |
|------|---------------------|---------------------------|-------|
| (33) | múróbò | wà | Júwão |
| | mú-robo | o-a | Júwão |
| | 3-remédio | CONC ₃ -TRANSL | João |
| | ‘o remédio do João’ | | |

¹⁴ Guérois analisa os translativos como conectivos.

- | | | | |
|------|---------------------|---------------------------|--------|
| (34) | ábáál' | àà | Màríyà |
| | á-baale | a-a | Maríya |
| | 2-irmã | CONC ₂ -TRANSL | Maria |
| | 'as irmãs da Maria' | | |

A seguir vemos alguns exemplos do swahíli citados em Thompson e Schleicher (2001: 124). Os números se referem às classes nominais, característica marcante das línguas bantas, com glosas acrescentadas por mim.

- | | | | |
|------|-------------------------|----------|---------|
| (35) | m-ti | w-a | Zakia |
| | 3-árvore | 3-TRANSL | Zakia |
| | 'a árvore de Zakia' | | |
| (36) | mi-ti | y-a | Zakia |
| | 4-árvores | 4-TRANSL | Zakia |
| | 'as árvores de Zakia' | | |
| (37) | ki-ti | ch-a | daktari |
| | 7-cadeira | 7-TRANSL | médico |
| | 'a cadeira do médico' | | |
| (38) | vi-ti | vy-a | daktari |
| | 8-cadeiras | 8-TRANSL | médico |
| | 'as cadeiras do médico' | | |

Possivelmente todas as línguas bantas apresentam translativos nos sintagmas nominais possessivos, embora seja também possível que algumas a tenham perdido. Como van de Velde (2013: 247) assinala, o que ele denomina construção conectiva não é usado exclusivamente para a expressão de posse ou de qualquer outra relação, mas para qualquer modificador de um substantivo. É a mesma polifuncionalidade encontrada no mossetén e no tsimané. Na África, essa construção se encontra ainda, por exemplo, em algumas línguas tchádicas, como o haussá e o miya.

Na Ásia, o uso de translativos nos sintagmas nominais possessivos é particularmente difundido entre as línguas indoarianas, entre as quais podemos citar o híndi-urdu (visto na introdução), o pandjâbi, o guzerate e o marata, além de algumas línguas irânicas, como o curdo. Nessa família, que tem um total de mais 800 milhões de falantes, a difusão dela é parcial, embora esteja presente em várias das línguas mais faladas, como o híndi-urdu. No entanto, no bangla ou bengáli, assim como várias línguas do ramo oriental das indoarianas, ela está ausente.

Em outros continentes ela é menos comum. Na Europa, ela ocorre aparentemente apenas no albanês e em duas línguas românicas balcânicas: o dacorromeno, ou romeno da Romênia propriamente dita, além da Moldávia e o arromeno, falado na Grécia, na Macedônia do Norte e na Albânia. Na Oceania, até agora identifiquei esse tipo de construção no kol (Reesink 2005,¹⁵) falado em Papua Nova Guiné, e no tamambo, falado em Vanuatu (Jauncey 1997). Na América, até o momento só a identifiquei na família mossetênica, sendo essa, portanto, uma característica aparentemente única dessa família no continente. Não é o intuito deste trabalho detalhar as construções de todas essas línguas. Isso será feito em trabalho posterior.

¹⁵ Embora o título não mencione a língua kol, mas sim a língua sulka, como o próprio título indica, é feita comparação com línguas oceânicas e papua da região.

Retornemos à questão do início desta seção, ou seja, se essa construção do mossetén e do tsimané é rara ou comum. Embora admitam a inadequação de se propor uma medida numérica para o que seria um *rarum* ou um *rarissimum* linguística, Cysouw e Wohlgemuth (2010) sugerem, respectivamente, 5% e 1%. De modo muito aproximado, pode-se estimar que cerca de 10 a 15% da população mundial utiliza translativos nos sintagmas nominais possessivos. Sendo assim, essa não é uma característica rara entre as línguas do mundo. Como apontado anteriormente neste trabalho, contudo, até o momento só identifiquei essa construção em línguas da América no mossetén e no tsimané. Trata-se, portanto, de um *rarissimum* no contexto das Américas.

Abreviaturas usadas nas glosas

1DU.EXCL	1ª pessoa do dual exclusiva
1SG	1ª pessoa do singular
3PL	3ª pessoa do plural
3SG	3ª pessoa do singular
AD	artigo definido
ADESS	adessivo
ART	artigo
CLASS	classificador
CONC ₂	concordância da classe 2
CONC ₃	concordância da classe 3
DEF	definido
EV.OUV	evidencial de ouvir dizer
F	feminino
GEN	genitivo
LINK	<i>linker</i>
M	masculino
MOD	marcador de modalidade (certeza)
N	neutro
NMLZ	nominalizador
OD	objeto direto
PL	plural
POSS	possessivo
PREP	preposição
SG	singular
STV	sufixo temático verbal
TRANSL	translativo

Referências

- Abraham, Werner (2006). Introduction. Datives: Structural vs. inherent – abstract vs. morphological – autonomous vs. combinatory – universally vs. language-specifically configured? In Daniel Hole; André Meinunger; Werner Abraham (eds.), *Datives and other cases: Between argument structure and event structure* [Studies in Language Companion Series 75], pp. 3-46. John Benjamins.
<https://doi.org/10.1075/slcs.75.03abr?locatt=mode:legacy>
- Agnihotri, Rama Kant (2007). *Hindi: An essential grammar*. Routledge.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (2013). Possession and ownership: a cross-linguistic perspective. In Alexandra Y. Aikhenvald; R. M. W. Dixon (eds.), *Possession and ownership. A cross-linguistic typology* [Explorations in Linguistics Typology], pp. 1-64. Oxford University Press.

- Ameka, Felix (1996). Body parts in Ewe grammar. In Hilary Chappell; William McGregor (eds.), *The Grammar of inalienability. A typological perspective on body part terms and the Whole-part relation*. Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110822137.783>
- Awobuluyi, A. Oladele (1978). *Essentials of Yoruba grammar*. Oxford University Press.
- Bally, Charles (1926). L'expression des idées de sphère personnelle et de solidarité dans les langues indo-européennes. In F. Fankhauser e J. Jud (eds.), *Festschrift Louis Gauchat*, pp. 68-78. Verlag H.R. Sauerländer.
- Booij, Geert (1994). Against split morphology. In Gert Booij; Jaap Van Marle (eds.), *Yearbook of Morphology 1993*, pp. 27-49. Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-017-3712-8_2
- Breu, Walter (2010). Mood in Albanian. In Björn Rothstein; Rolf Thieroff (eds.), *Mood in the languages of Europe [Studies in Language Companion Series 120]*, pp. 447-472. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/slcs.120.25bre?locatt=mode:legacy>
- Broadbent, Sylvia M. (1964). *The Southern Sierra Miwok language* [University of California Publications in Linguistics 38]. University of California Press.
- Brownie, John; Brownie, Marjo (2007). *Mussau grammar essentials*. SIL-PNG Academic Publications. <https://www.sil.org/resources/archives/23621>
- Buchholz, Oda; Fiedler, Wilfried (1977). *Albanische grammatik*. Enzyklopädie.
- Cardona, George (1965). *Gujarati reference grammar*. University of Pennsylvania Press.
- Creissels, Denis (2024). Predicative possession in Bantu languages. In Ström, Eva-Marie Bloom; Gibson, Hannah; Guérois, Rozenn; Marten, Lutz (eds.), *Morphosyntactic variation in Bantu*, pp. 184-212. Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198821359.003.0007>
- Crowell, Thomas Harris (1979). *A grammar of Bororo* (Ph.D. dissertation). Cornell University.
- Cysouw, Michael; Wohlgemuth, Jan (2010). The other end of universals: theory and typology of *rara*. In Wohlgemuth, Jan; Cysouw, Michael (eds.), *Rethinking universals. How rarities affect Linguistic Theory*, pp. 1-10. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110220933.1>
- Dixon, Ronald B. (1910). The Chimariko Indians and language. *University of California Publications in American Archeology and Ethnology* 5(5): 293-380.
- Dixon, R. M. W. (1988). *A grammar of Boumaa Fijian*. University of Chicago Press.
- Dixon, R. M. W. (2010). *Basic linguistic theory, Vol. 2, Grammatical topics*. Oxford University Press.
- Dobrovie-Sorin, Carmen; Giurgea, Ion (eds.) (2013). *A reference grammar of Romanian. Vol 1: The noun phrase*. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/la.207?locatt=mode:legacy>
- Franco, Ludovico; Manzini, M. Rita; Savoia, Leonardo M. (2015). Linkers and agreement. *The Linguistic Review* 32(2): 277-332. <https://doi.org/10.1515/tlr-2014-0024>
- Gönczöl, Ramona (2007). *Romanian. An essential grammar*. Routledge.
- Guérois, Rozenn (2019). Cuwabo P 34. In Mark van de Velde; Koen Bostoen; Derek Nurse; Gérard Philippson (eds.), *The Bantu languages* [Routledge Language Family Series], pp. 734-775. Routledge.
- Guthrie, Malcolm (1967-1971). *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. 4 vols. Gregg International Publishers.
- Haspelmath, Martin (2014). The geometry of grammatical meaning: Semantic maps and cross-linguistic comparison. In Michael Tomasello (ed.), *The new psychology of language*, vol. 2: 211-242. Lawrence Erlbaum.
- Heine, Bernd (1997). *Possession: Cognitive sources, forces and grammaticalization*. Cambridge University Press.
- Hendriks, Peter (1982). On distinguishing articles in Albanian. *Studies in Slavic and General Linguistics*, [South Slavic and Balkan Linguistics], vol. 2: 95-108. <https://www.jstor.org/stable/40996884>
- Hyslop, Catriona (2001). *The Lolovoli dialect of the North-east Ambae language, Vanuatu*. Pacific Linguistics, Research School of Pacific and Asian Studies, Australian National University.
- Jaggar, Philip J. (2001). *Hausa* [London Oriental and African language library]. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/loall.7>
- Jauncey, Dorothy (1997). *A grammar of Tamambo* (Tese de doutorado). Australian National University.
- Kemmer, Suzanne (1993). *The middle voice* [Typological Studies in Language 23]. John Benjamins.
- Kockelman, Paul (2009). Inalienable possession as grammatical category and discourse pattern. *Studies in Language* 33(1): 25-68. <https://doi.org/10.1075/sl.33.1.03koc?locatt=mode:legacy>
- Koul, Omkar N. (2008). *Modern Hindi grammar*. Dunwoody Press.
- Lamiroy, Béatrice; Delbecque, Nicole (1998). The possessive dative in Romance and Germanic languages. In Willy Van Langendonck; William Van Belle (eds.), *The dative, vol. 2: Theoretical and Contrastive Studies* [Case and Grammatical Relations Across Languages 3], pp. 29-74. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cagral.3.04lam?locatt=mode:legacy>
- Lehmann, Christian (2006). Participant roles, thematic roles and syntactic relations. In Tasaku Tsunoda; Taro Kageyama (eds.), *Voice and grammatical relations: In Honor of Masayoshi Shibatani* [Typological Studies in Language 65], pp. 153-174. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/tsl.65.10leh?locatt=mode:legacy>

- Lévy-Bruhl, Lucien (1914). L'expression de la possession dans les langues mélanésiennes. *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* 19(2): 96-104.
- Luo, Yongxian (2013). Possessive constructions in Mandarin Chinese. In Alexandra Y. Aikhenvald; R. M. W. Dixon (eds.), *Possession and ownership. A cross-linguistic typology*, pp. 186-207. Oxford University Press.
- Métraux, Alfred (1948). The Yuracaré, Mosetene and Chimane. In Julian Haynes Steward (org.), *Handbook of South American Indians I-IV, Vol. III*, pp. 485-504. Washington.
- Miller, Wick R. (1965). *Acoma grammar and texts* [University of California Publications in Linguistics, 40]. University of California Press.
- Mpiranya, Fidèle (2015). *Swahili grammar and workbook*. Routledge.
- Nichols, Johanna; Bickel, Balthasar (2013). Locus of marking in possessive noun phrases. In Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath (eds.), *The world atlas of language structures online*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://wals.info/chapter/24>
- Nikiforidou, Kiki (1991). The meanings of the genitive: A case study in semantic structure and semantic change. *Cognitive Linguistics* 2(2): 149-205. <https://doi.org/10.1515/cogl.1991.2.2.149>
- Nikolaeva, Irina; Spencer, Andrew (2012). Possession and modification - a perspective from Canonical Typology. In Dunstan Brown; Marina Chumakina; Greville G. Corbett (eds.), *Canonical Morphology and Syntax*, pp. 207-238. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199604326.003.0009>
- Nurse, Derek; Philippson, Gérard (2003). *The Bantu languages*. Routledge.
- Osborne, C. R. (1974). *The Tiwi language* [Australian Aboriginal Studies 55]. Australian Institute of Aboriginal Studies.
- Payne, Doris L.; Barshi, Immanuel (1999). External possession: What, Where, How, and Why. In Doris L. Payne; Immanuel Barshi (eds.), *External possession* [Typological Studies in Language 39], pp. 3-29. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/tsl.39.03pay?locatt=mode:legacy>
- Reesink, Ger (2005). Sulka of East New Britain: A Mixture of Oceanic and Papuan Traits. *Oceanic Linguistics* 44(1): 145-193. <https://www.jstor.org/stable/3623233>
- Ritchie, Sandy (2017). Agreement with the internal possessor in Chimane. A mediated locality approach. *Studies in Language* 41(3): 660-716. <https://doi.org/10.1075/sl.41.3.05rit>
- Sakel, Jeanette (2004). *A grammar of Mosetén* [Mouton Grammar Library 33]. Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110915280>
- Sakel, Jeanette (2009). Mosetén y Chimané (Tsimané'). In Emily Irene Crevels; Pieter Muysken (eds.), *Lenguas de Bolivia T. 1: Ámbito andino*, pp. 333-375. Plural editores.
- Stassen, Leon (2009). *Predicative possession*. Oxford University Press.
- Tesnière, Lucien (1966). *Éléments de syntaxe structurelle*. Klincksieck.
- Tesnière, Lucien (2015). *Elements of structural syntax*. Tradução de Timothy Osborne e Sylvain Kahane. John Benjamins.
- Thompson, Katrina Daly; Schleicher, Antonia Folarin (2001). *Swahili learners' reference grammar*. NARLC Press.
- Topping, Donald M. (1980). *Chamorro reference grammar* (2a ed.). University of Hawaii Press.
- van Belle, William; van Langendonck, Willy (1996). Introduction. In William van Belle; Willy van Langendonck (eds.), *The dative*, vol. 1. *Descriptive Studies* [Case and grammatical relations across languages 2], pp. ix-xvii. John Benjamins.
- van de Velde, Mark L.O. (2013). The Bantu connective construction. In Anne Carlier; Jean-Christophe Verstraete (eds.), *The genitive* [Case and grammatical relations across languages 5], pp.217-252 John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cagral.5.08vel?locatt=mode:legacy>
- Voorhoeve, Clemens L. (1965). *The Flamingo Bay Dialect of the Asmat Language* [Verhandelingen van het Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde, vol. 46]. Brill. <https://www.jstor.org/stable/10.1163/j.ctvbqs68q>
- Yousef, Saeed (2018). *Persian. A comprehensive grammar*. Routledge.

CRedit – Taxonomia de papéis de colaboração acadêmica

Agradecimentos: não há.

Declaração de conflito de interesse: não há.

Contribuição do autor/autores: o único autor elaborou o trabalho completo.

Ética em pesquisa com seres humanos: não houve seres humanos envolvidos na elaboração do trabalho.

Financiamento da pesquisa: não houve.

Submissão recebida: 29/12/2024
Versão revista recebida (1): 22/6/2025
Versão revista (2): 13/7/2025
Aceito: 27/7/2025
Publicado: 5/8/2025